



## PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA: AZIZ NACIB AB'SÁBER E A TRAJETÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

**Thiago José de Oliveira<sup>1</sup>**

thiago.joseoliveira@outlook.com

**Márcia Cristina de Oliveira Mello**

marciamello@ourinhos.unesp.br

### **Resumo**

*A Geografia e o ensino de modo geral no atual contexto, passa por uma crise. Como destaca Oliveira (2005), a escola não tem cumprido o seu papel de formar indivíduos, capazes de entender o mundo para transformação social, que possa romper com a ideologia dominante. No que diz respeito a Geografia, os avanços, produzidos na academia ainda tem surtido pouco efeito no ambiente escolar. Pensamos ser necessária a retomada de conceitos trabalhados na Geografia por Aziz Nacib Ab'Sáber, articulando-os com outros autores do ensino e da Geografia que trouxeram propostas progressistas de práticas de ensino e aprendizagem, que permitam articular a Geografia humana com a Geografia física. Ainda que essa totalidade da Geografia seja discutida pelos geógrafos, essa discussão ainda não permitiu que se rompesse com o enciclopedismo do ensino de Geografia encontrado em grande parte das escolas brasileiras. O enciclopedismo tem tornado os conceitos memorizados pelos alunos mera fantasia, não permitindo que os mesmos possam articula-los com a sua realidade social, para que de fato possam ser agentes transformadores do meio em que vivem. Logo, é de suma importância pensar o ensino como ferramenta para a emancipação dos indivíduos, tornando-os capazes de entender as ações tomadas pelos gestores à que serão submetidos. Para isso propomos a análise do material didático constituído pelo guia do professor, textos básicos e caderno de atividades, no livro Formas de Relevo de Aziz Nacib Ab'Sáber (1975), não com a intenção de trazer o autor para a atualidade, mas de retomar seus conceitos da Geografia em práticas de ensino e aprendizagem atuais.*

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, didática da Geografia, interdisciplinaridade.

---

<sup>1</sup> Trata-se de pesquisa de iniciação científica, desenvolvida em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), desde 01/03/19.



## Introdução

O ensino de Geografia como destaca Brabant (2005), tem encontrado desafios diante da profunda crise que o ensino e especificamente o ensino de Geografia vem passando no Brasil, diante disso, se faz necessária uma reflexão das práticas pedagógicas utilizadas para que possamos pensar o ensino de Geografia fora do enciclopedismo. O enciclopedismo não é exclusividade da Geografia, atinge todas as disciplinas, a prática da memorização de conceitos não permite que o educando se torne um leitor da realidade, mas um depositário das ideias de uma ideologia dominante burguesa (BRABANT, 2005).

Como principal sintoma da crise do ensino de Geografia podemos destacar a tentativa de retirada da Geografia da escola como disciplina obrigatória. Muitos professores culpam a concorrência das aulas da disciplina com o excesso de informação encontrado na internet, o que para eles gera um desinteresse por parte do aluno quanto ao conteúdo das aulas (BRABANT, 2005).

Os conteúdos memorizados pelos educandos não permitem associá-los a realidade, logo não produz a criticidade necessária, tornando-os indivíduos despolitizados, incapazes de fazer qualquer análise das ações tomadas pelos gestores públicos, embasados pelos conteúdos ministrados em sala de aula.

A preocupação com o ensino mnemônico da Geografia foi reforçada na Escola nova, na década de 1920 no Brasil, abordando a educação e a inserção de um modelo de ensino que rompesse com o enciclopedismo, pensado na Geografia por professores como: Carlos Miguel Delgado de Carvalho, Antônio Firmino Proença, João Augusto de Toledo, dentre outros professores que manifestaram suas perspectivas escolanovistas por meio dos manuais de ensino (SANTOS, 2005).

Os escolanovistas buscavam práticas que pudessem integrar o educando ao seu meio, no sentido piagetiano, para isso retomaram praticas das escolas anarquistas como o estudo do meio, embora com intenções diferentes, enquanto as escolas libertárias desejavam que o educando conhecesse o meio para transformá-lo, a Escola Nova via a necessidade de integrá-lo como cidadão, sendo essa palavra anuladora da ideia de luta de classes pois o cidadão configura qualquer contribuinte da sociedade (PONTUSCHKA, 1994).

Pontuschka (1994) destaca que, dentre alguns professores da época permaneciam ideais libertários, principalmente aos ligados a partidos de esquerda que tinham como utopia a transformação da sociedade (PONTUSCHKA, 1994). Neste pensamento temos a contribuição do professor Aziz Nacib Ab’Sáber, que produziu uma bibliografia vasta, inicialmente focado na geomorfologia e geologia, e após a década de 1960 em estudos ligados a ecologia e ensino do meio ambiente.

Esse trabalho de pesquisa está em fase inicial e tem por objetivo analisar a proposta didática de Aziz Nacib Ab’Sáber para o ensino de Geografia do segundo grau, contida no “Projeto brasileiro para ensino de Geografia (1975)”, examinando o conjunto dos textos didáticos de Aziz Nacib Ab’Sáber denominados *Formas de relevo*: Texto básico, Guia do professor e Trabalhos práticos, quanto a sua metodologia para o ensino e aprendizagem dos conteúdos da Geografia física. E ainda, identificar as orientações didáticas propostas por Aziz (1975) no que se refere ao ensino por investigação contida no Guia do professor, Texto básico e no Caderno de atividades dos alunos. Os exercícios propostos por Aziz serão aplicados no primeiro ano do Ensino Médio da ETEC Jacinto Ferreira de Sá, localizada na cidade de Ourinhos-SP, para avaliar a proposta didática quanto a sua atualidade, a partir de conteúdos e atividades já existentes no currículo da escola<sup>2</sup>.

## Referencial teórico

No ensino secundário Aziz estudou no Grupo Escolar Rui Barbosa em Caçapava-SP, a partir deste período se deparou com a competição existente na escola a qual afirmou que não conhecia antes de iniciar seus estudos, posteriormente transferiu-se para o Ginásio Estadual de Caçapava onde concluiu o ensino secundário. Foi aluno dos professores recém-formados da

---

<sup>2</sup> A Escola Técnica (ETEC) Jacinto Ferreira de Sá foi selecionada por ter parceria com a UNESP em projetos articulados ao ensino. Também recebe um perfil de aluno cujos conhecimentos geográficos estão próximos dos propostos no currículo atual. Em entrevista prévia com o professor de Geografia da escola foi possível detectar que a sala do 1º ano do Ensino Médio é a mais favorável para a aplicação das atividades, já que os temas já constavam no planejamento anual do docente, assim como no livro didático utilizado por ele *Geografia hoje*, que traz em seu referencial bibliográfico textos de Aziz Ab’Sáber.



USP, observando a diferença da formação deles em relação aos demais despertou então o interesse em cursar Geografia e História, sua principal influência foi o professor Hilton Friedericci que tinha grande domínio em Geografia.

Aziz Nacib Ab'Sáber iniciou seus estudos aos 17 anos, no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC) da Universidade de São Paulo (USP), onde tomou contato com a bibliografia escolanovista relacionada ao ensino de Geografia, que minimamente pode ser representada por Lourenço Filho, Delgado de Carvalho e Proença.

Na época Geografia e História faziam parte de um mesmo curso. O renomado professor decidiu por Geografia concluindo a licenciatura em 1944, sendo futuramente professor do então ensino secundário e posteriormente lecionou na Pontifícia Universidade Católica- (PUC-SP), em 1968 se tornou professor titular de Geografia Física na (USP).

A formação na USP e a proximidade com os defensores da escola nova impulsionaram Aziz a demonstrar preocupação quanto aos conteúdos de Geografia ministrados nas escolas. Referente ao ensino da Geografia Aziz integrou a sua leitura da natureza, na sua relação com o ser humano. Como grande observador e leitor da fisionomia da paisagem brasileira, seus conceitos se tornaram um marco para o ensino de Geografia, por trazer uma perspectiva de leitor da paisagem que busca compreender suas dinâmicas e não apenas memorizar suas características.

Quem tem o hábito de observar a paisagem ao longo de qualquer percurso, vê passar diante de seus olhos uma série de formas de relevo, às vezes muito variadas às vezes muito monótonas e repetitivas. Qualquer que seja o nosso itinerário o relevo varia, pouco ou muito, de espaço para espaço. Ora passam diante do observador ocasionais terrenos planos e férteis, ora ondulações sob a forma de colinas ou de morros baixos. Além, veem-se terrenos muito mais acidentados e montanhosos, silhuetas de planaltos e verdadeiras montanhas, um ou outro pico em destaque (AB'SÁBER, 1975, pp. 2).

As ideias de Aziz fomentam a interpretação e a compreensão das formas do relevo, como propôs Delgado de Carvalho em sua crítica a Geografia menemônica, onde o autor também destacou a importância de o homem conhecer seu habitat. Em seu trabalho *Ecosistemas do Brasil*, Aziz faz uma leitura minuciosa da paisagem brasileira destacando os diversos ecossistemas que compõem o Brasil. Entretanto, o autor destaca a importância dos estudos serem desenvolvidos de forma integrada, já que a junção de todos os componentes que

compõem o ecossistema são primordiais para sua compreensão e não com a utilização de modelos teóricos abstratos (AB'SÁBER, 2006).

Nesta perspectiva foram descritas em seu trabalho *Os domínios de natureza no Brasil*, demonstrando a leitura crítica do autor quanto as diferentes condições em que os seres humanos se encontram em relação aos recursos disponíveis.

Num segundo plano de abordagem, é indispensável ressaltar que as nações herdaram fatias maiores ou menores daqueles mesmos conjuntos paisagísticos de longa e complicada elaboração fisiográfica e ecológica. Mais do que simples espaços territoriais, os povos herdaram paisagens e ecologias, pelas quais certamente são responsáveis, ou deveriam ser responsáveis. Desde o mais alto escalão do governo e da administração até o mais simples cidadão todos têm uma parcela de responsabilidade permanente, no sentido da utilização não predatória dessa herança única a paisagem terrestre. Para tanto, há que conhecer melhor as limitações de uso específicas de cada tipo de paisagem (AB'SÁBER, 2003, p. 10).

Aziz partiu da premissa que como observador o educando também poderia utilizar-se do conhecimento científico, não só para a compreensão das formas, mas para também questionar as intervenções humanas em terrenos desfavoráveis, apontando com argumentos científicos os problemas, contribuindo para um manejo adequado do meio ambiente.

Quando se escolhe uma área para abrir uma estrada de ferro ou de rodagem, para construir um aeroporto, localizar uma vila ou um conjunto residencial, planejar uma manobra ou fazer um reconhecimento do terreno, o que está em jogo são as formas de relevo e a constituição de seus solos e de suas rochas, além de conhecimentos indispensáveis sobre as águas (AB'SÁBER, 1975, pp. 2).

O autor demonstrava assim, a sua preocupação com a utilidade do ensino de Geografia para a compreensão das intervenções humanas. Dadas as inúmeras contribuições de Aziz à Geografia suas ideias também chegaram à educação geográfica, seus trabalhos publicados a partir de 1948 influenciaram coleções de livros didáticos para todos os níveis escolares. Se dedicou à produção de um conjunto de textos didáticos, publicados em 1975, que aqui analisaremos.

O professor Aziz se dedicou também a publicar livros didáticos para o segundo grau, uma vez que não havia práticas de ensino dentro dos livrinhos existentes. Assim, em 1975, acabou preparando um livro didático mais



aperfeiçoado, *Formas de Relevo*, dentro do projeto de uma antiga entidade chamada “Funbec“. Tratava-se de uma espécie de geomorfologia estrutural, sobretudo, com três direcionamentos: um livro para o aluno, um guia para o professor e um caderno de exercícios. [...]. Aziz achava que os livros apresentados aos alunos não tinham muito domínio do conhecimento geográfico, ou eram dirigidos mais a graduados e não a estudantes. (GAUTTIERI *et al*, 2010, p.22).

Aziz criticou os materiais didáticos da época, tendo em vista que os livros utilizados nas escolas, segundo ele, tinham uma linguagem científica semelhante a utilizada na universidade. Assim destacou a importância do uso de uma linguagem específica voltada aos alunos do ensino secundário.

As preocupações do autor com o ensino dos conteúdos geográficos giravam em torno de materiais que eram selecionados a partir da ciência geográfica produzida na universidade, fato que para ele apresentava um grande problema, principalmente porque estava distante da realidade dos alunos e por vezes distante do domínio dos próprios professores. Daí apontava a necessidade de formação pedagógica dos docentes, que segundo ele, deveria ter a maior parte de sua formação em trabalhos de campo.

O professor Aziz também foi influenciado pelo grande antropólogo Florestan Fernandes:

Nos fins de semana costumava frequentar a biblioteca, alternando com vistas aos arredores de São Paulo. Nessa época chegou a conviver bastante com o sociólogo Florestan Fernandes, colega das aulas de Antropologia Cultural e também assíduo frequentador da biblioteca. A influência do sociólogo foi grande na formação de Aziz, redirecionando-o para os fatos sociais e antropológicos importantes e ajudando-o a assimilar as aulas do Professor Emílio Willems. O interesse de Aziz pela interdisciplinaridade foi despertado nas aulas de ciências humanas e fisiográficas dos grandes mestres, entre eles o próprio Willems, além de Plínio Ayrosa e Roger Bastide (GAUTTIERI *et al*, 2010, p.15).

Podemos apontar que o renomado professor já pensava a prática pedagógica alinhada a uma perspectiva progressista que rompia até mesmo com os ideais escolanovistas, por em seus textos o fator socioeconômico já ser trabalhado. Esses apontamentos têm grande influência do antropólogo Florestan Fernandes.

Florestan, com suas críticas sociais e análises das diferenças socioeconômicas em São Paulo e no Brasil, fez com que Aziz adquirisse uma percepção maior das diferenças culturais e sociais, como os fazendeiros e banqueiros com suas ricas mansões na Avenida Paulista e em Higienópolis, e o resto da população, mais sofrida. Até a década de 1950, São Paulo ainda não possuía favelas,

apenas alguns bairros carentes. Essa percepção mostrou a Aziz, mais tarde, a dependência das favelas em relação às atividades da zona central da cidade (GAUTTIERI *et al*, 2010, p.15-16).

Pensar o ensino articulado a realidade dos educandos é primordial para combater o enciclopedismo, visto que os conceitos por serem articulados a realidade do sujeito rompem com ensino mnemônico, trazendo a Geografia para a realidade dos indivíduos.

### **Metodologia e Proposta de Aplicação**

A investigação consiste em pesquisa bibliográfica e documental, incluindo os periódicos, fontes documentais tais como artigos, dissertações e teses. Sendo consideradas também as bases de dados eletrônicas tais como: <http://dedalus.usp.br/>, [search.scielo.org](http://search.scielo.org), <http://cutter.unicamp.br/>, e <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/>.

A pesquisa bibliográfica está articulada a temas relacionados ao ensino de Geografia em uma proposta de ensino que integre as perspectivas físicas e humanas, além da transposição didática dos conteúdos para seus respectivos níveis. Sendo enfatizados os aspectos referentes aos conteúdos e a metodologia de ensino da Geografia.

O material selecionado será aplicado em formato de atividades na ETEC Jacinto Ferreira de Sá, na cidade de Ourinhos/SP. Para as atividades na escola foram selecionadas as pranchas 7, 8 e 10 (anexo 1), sendo a primeira o perfil topográfico, a segunda cotas de altitude e elaboração de curvas de nível e a última bacia hidrográfica e ordem de grandeza dos cursos d'água. Como a proposta do autor era trabalhar os conteúdos partindo do contexto do aluno, foram preparadas quatro aulas de 50 minutos trabalhando o conceito de „Bacia hidrográfica“, utilizando a metodologia proposta pelo autor.

O material proposto no *Caderno de atividades* é denso e levaria muitas aulas para serem aplicados, como não é viável dispor de tantas aulas, optamos por selecionar três pranchas para aplicar. Para a seleção desse material utilizamos como critério o conteúdo previsto no plano de aula do professor da sala do primeiro ano do Ensino Médio. Também selecionamos os conteúdos propostos por Aziz no *Guia do professor*, aplicando apenas os exercícios, cujo os conteúdos foram ministrados em aula.

Na prancha 7: Noções sobre interflúvio, vertentes e vales. Fazer um perfil topográfico ao longo da direção indicada, passando por todas as curvas de nível da carta. Verificar o que existe e o que não está representado na quadrícula (Curvas de nível, drenagem, topônimos,



cobertura vegetal). Colocar a rede de drenagem na quadrícula, através de traços pontilhados ou descontínuos, em cor azul. Propor o traçado de uma estrada de rodagem da flecha da direita até a esquerda, escolhendo as áreas de relevo mais suave e com poucas curvas.

Na prancha 8: Exercício cartográfico para a compreensão das técnicas de representação do relevo (elementos altimétricos de uma carta planta). Trace curvas de nível, com 25 m de equidistância. Verifique a amplitude do relevo, baseando-se nos pontos de maior e menor altitude localizados na área. A região poderá ser considerada uma planície, um planalto ou uma montanha? Por quê? Faça um perfil sentido norte-sul, indicando as áreas de vertentes e interflúvios. Faça um traçado para uma estrada E-W na área. Proponha um local para sítio de um pequeno aglomerado urbano na região.

Na prancha 10: Familiarização com a terminologia hidrográfica. Treinamento simples: Na diferenciação de dimensões; no cálculo de áreas; na medida do comprimento de rios. Para a elaboração do exercício e sua adequada exploração a favor da aprendizagem dos alunos, é necessário o seguinte material: 1 régua de 30 cm, pedaços de barbante de 30 cm, lápis preto, 1 pedaço de papel vegetal comum, do tamanho do cartão.

Classificação dos rios em ordens de grandeza (1, 2, 3 e outras), tomando-se os menores cursos como sendo de 1 ordem. Numerá-los (1, 2, 3, 4), segundo a ordem de grandeza de cada um. Contagem de número de rios de cada ordem de grandeza; obtenção do número total dos cursos d'água da área pela soma dos rios pertencentes às diferentes ordens de grandeza.

Como a proposta do autor era trabalhar conteúdos próximos a realidade do aluno, planejamos as aulas para aproveitar os seus conhecimentos prévios, partindo de sua leitura das formas de relevo da cidade. Sucessivamente introduziremos o conceito de bacia hidrográfica onde os alunos serão questionados sobre a situação dos corpos hídricos, próximos as suas residências, na sequência será desenvolvido o trabalho de campo na Usina Hidroelétrica de Ourinhos.

Para as aulas estabelecemos o seguinte plano de atividades: plano de atividades; encontro inicial: introdução à temática “Água e Sociedade”; hidrologia; usos da água; gestão das águas; 2º encontro: Bacias hidrográficas aspectos físicos, biológicos e sociais; dinâmicas; legislação; BH Rio Paranapanema; 3º encontro: Água e energia: fontes brasileiras; potencial energético; Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH); Usinas Hidrelétricas (UHE). Prancha 8: 4º encontro: UHE Ourinhos geração de energia; histórico; impactos; preparativos para o campo;



Prancha 10: 5º encontro: Trabalho de campo na UHE Ourinhos.

Para aproveitarmos a realidade da cidade de Ourinhos e reforçar o ensino por investigação considerando o contexto onde o aluno está inserido, utilizamos a *Análise das mudanças no uso do solo da microbacia do córrego das Furnas, município de Ourinhos – SP, entre os anos de 1972 e 2007, e dos impactos sobre suas áreas de preservação permanente, apoiada em geoprocessamento* de autoria de Edson Luís Piroli, Daniel Tetsuji Kikuchi Ishikawa e Júlio César Demarchi (2007). O uso desse material será necessário para a problematização quanto ao manejo dos tributários do Rio Paranapanema.

### Considerações finais

O conteúdo trabalhado nesse artigo é parte de uma pesquisa de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP), que está em fase inicial de desenvolvimento, iniciado em março desse ano. Analisando o conjunto de livros formas de relevo e aplicando-os para alunos do primeiro ano do ensino médio. Como resultados parciais da pesquisa temos as aulas elaboradas a partir do material proposto por Aziz.

Na análise dos textos e na elaboração do plano de aula para aplicar os exercícios na escola destacamos que muitas foram as contribuições de Aziz Nacib Ab'Sáber para o ensino de Geografia. A preocupação do renomado professor, com o rompimento do ensino enciclopedista, já superava a perspectiva escolanovista, por ser influenciado por autores como Florestan Fernandes, que trabalhava a perspectiva social e socioeconômica, sua proposta pode ser destacada como atual, principalmente por sua metodologia de ensino.

Essa pesquisa não tem por objetivo trazer a proposta do autor para a atualidade, mas de resgatar conceitos importantes da Geografia trabalhados em seus textos, principalmente os que buscam integrar a Geografia física a humana.

### Referências:

AB'SÁBER, Aziz Nacib. *Os domínios de natureza no Brasil*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ecosystemas do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2006.

\_\_\_\_\_. *Paisagens de exceção: o litoral e o pantanal mato-grossense*. São Paulo: Ateliê editorial, 2007.



\_\_\_\_\_. *Formas de relevo*: trabalhos práticos. São Paulo: Edart, 1975.

BRABANT, Jean Michel. Crise da Geografia, Crise da Escola. In: *Para onde vai o ensino de Geografia*. São Paulo: Ensino Contexto, 2005. p. 15-23.

CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *Methodologia do ensino geographico*: introdução aos estudos de Geographia moderna. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.

COSTA, Vera Rita; WEINGRILL, Carmen. *Entrevista com Aziz Nacib Ab'Sáber*. *Revista Ciência Hoje*. 1992. Disponível em: <[http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/aziz\\_nacib\\_absaber\\_7.html](http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/aziz_nacib_absaber_7.html)>. Acesso em 19/12/2017.

GAUTTIERI, May Christiane Modenesi *et al* (Org.). *A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber*. São Paulo: Beca-Ball edições, 2010.

LOURENÇO FILHO. Prefácio. In.: PROENÇA, Antonio Firmino. *Como se ensina Geographia*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d].

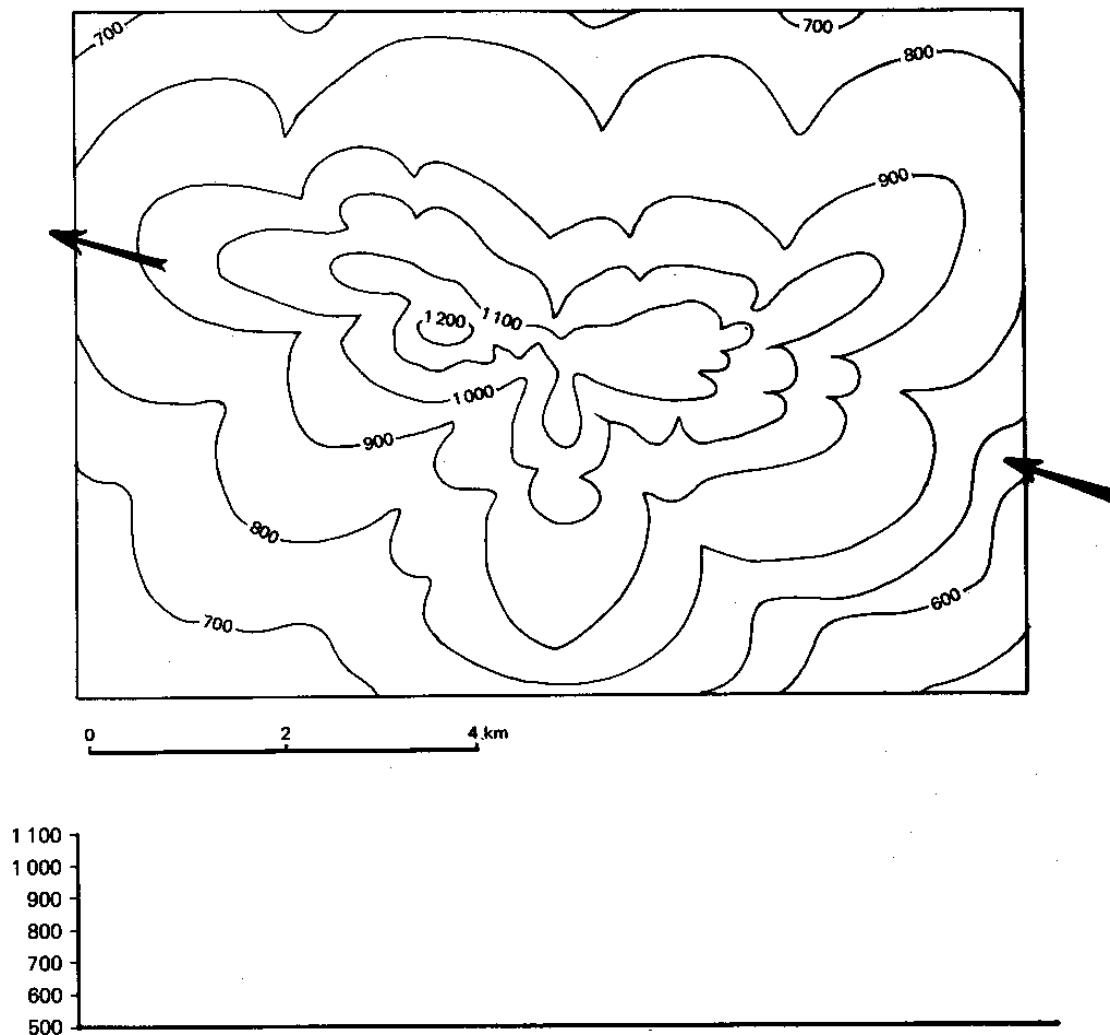
PIROLI, Edson Luís; ISHIKAWA, Daniel Tetsuji Kikushi; DEMARCHI, Júlio César. *Análise das mudanças no uso do solo da microbacia do córrego das Furnas, município de Ourinhos - SP, entre os anos de 1972 e 2007, e dos impactos sobre suas áreas de preservação permanente, apoiada em geoprocessamento*. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 15. 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: INPE, 2011. p. 6333-6340.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *A formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares*. 1994. 280f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Educação Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SANTOS, Fátima Aparecida dos Santos. *A escola nova e a prescrição destinadas ao ensino da disciplina de Geografia da escola primária de São Paulo no início do século XX*. 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo 2005.

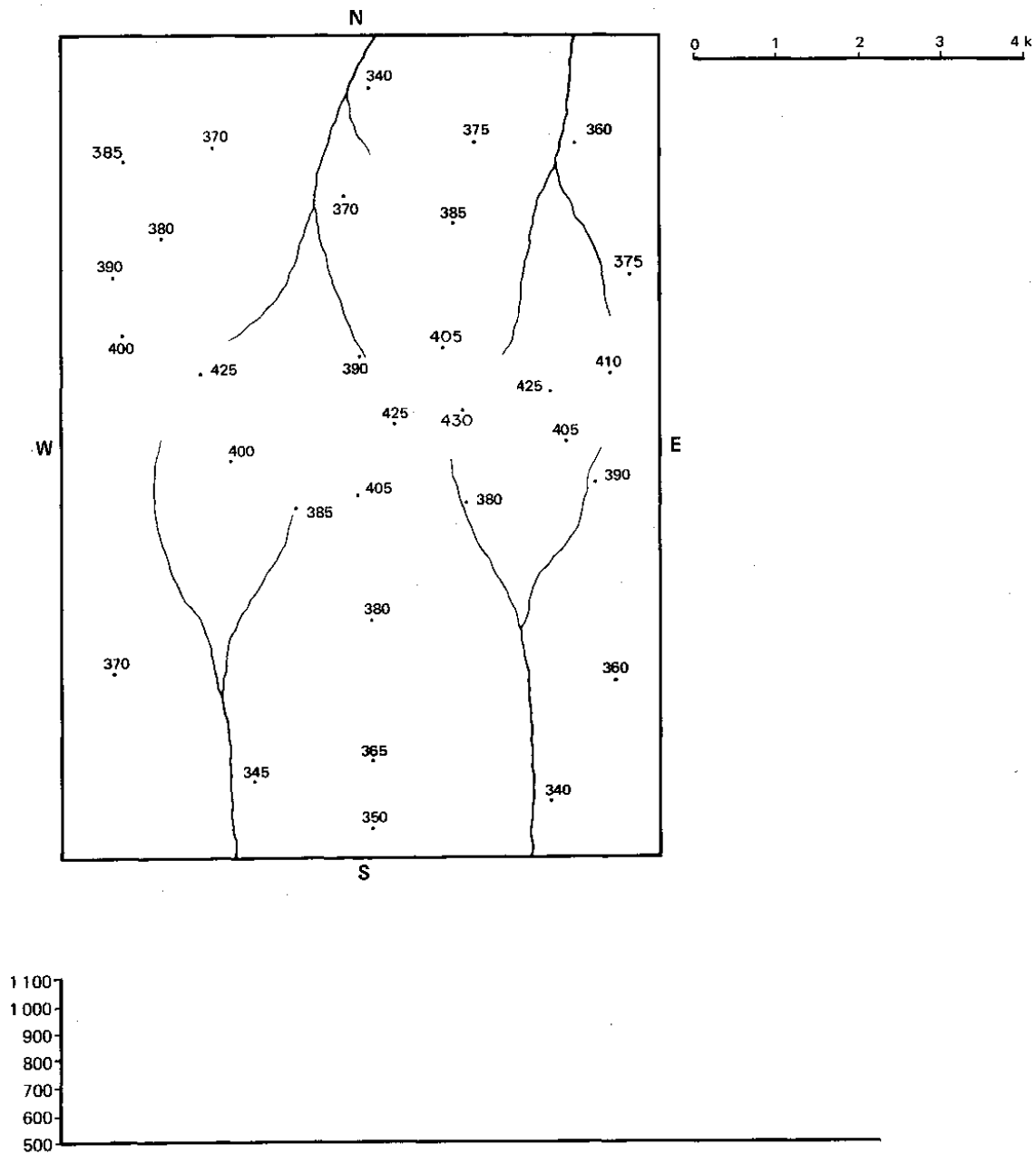
ANEXO 1

PERFIL TOPOGRÁFICO (Fig. 7)





**COTAS DE ALTITUDE E ELABORAÇÃO DE CURVAS DE NÍVEL (Fig. 8)**



**BACIA HIDROGRÁFICA E ORDEM DE GRANDEZA DOS  
CURSOS D'ÁGUA (Fig. 10)**

